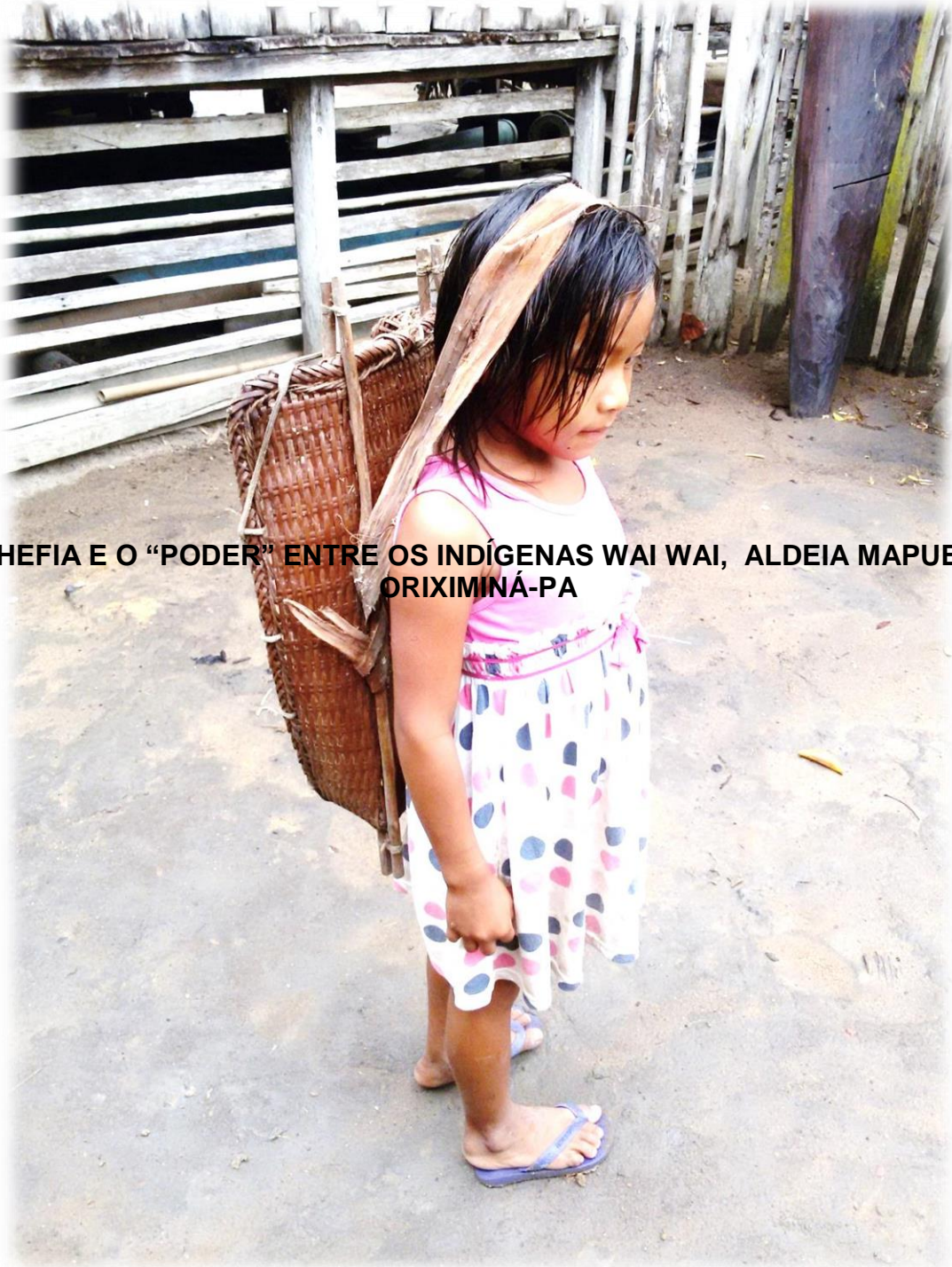




UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
BACHERELADO EM ANTROPOLOGIA



A CHEFIA E O “PODER” ENTRE OS INDÍGENAS WAI WAI, ALDEIA MAPUERA, ORIXIMINÁ-PA

Santarém – Pará
Abril/2017

NEWTON DE AZEVEDO VIANA

**A CHEFIA E O “PODER” ENTRE OS INDÍGENAS WAI WAI, ALDEIA MAPUERA,
ORIXIMINÁ-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto de Ciências da Sociedade – ICS, Programa de Antropologia e Arqueologia – PAA da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, como pré-requisito parcial a obtenção de título de Bacharel em Antropologia.

Prof. Orientadora MSc. Helena Moreira Schiel.

Santarém-Pará
Abril/2017

NEWTON DE AZEVEDO VIANA

**A CHEFIA E O “PODER” ENTRE OS INDÍGENAS WAI WAI, ALDEIA MAPUERA,
ORIXIMINÁ-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto de Ciências da Sociedade – ICS, Programa de Antropologia e Arqueologia – PAA da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, como pré-requisito parcial a obtenção de título de Bacharel em Antropologia. Defendido em 13 de abril de 2016 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Helena Moreira Schiel
Orientadora / PAA - UFOPA

Lucybeth de Camargo Arruda
Comissão avaliadora/ PAA - UFOPA

Eduardo Soares Nunes
Comissão avaliadora/ PAA - UFOPA

DEDICATÓRIA

A minha avó Maria Izenaide de Azevedo Viana que muito me carregou em tempos pueril no paneiro para roça na cabeceira do Juruá, Nhamundá-AM, e uma de suas frases que marcaram minha infância era “filho entenda que a natureza é continuidade de nossos corpos, então respeite, peça permissão à mãe do lugar”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao ser superior que me deu folego para escrever esse trabalho, a minha família, em especial a minha mãe, irmãos e noiva. Um muito obrigado aos meus tios e tias que proporcionaram minha ida a campo com financiamento advindo da venda de uma das propriedades de minha avó, seu desejo em investir em meus estudos foi mantido mesmo depois se falecimento.

Agradeço a ajuda incomensurável aos caciques Elizeu e Roquinaldo pelo apoio em conseguir minha autorização de entrada na terra indígena junto a Associação Indígena do Mapuera (APIM) e Fundação Nacional do Índio (FUNAI) de Oriximiná-PA.

Em campo obtive ajuda de muitas pessoas, mais não posso deixar de citar o apoio do terceiro Cacique do Mapuera Roquinaldo Yaxikma que me acolheu em sua casa, um muito obrigado a Carnama Wai Wai que me ensinou a fazer canoa e sempre me convidada para atividades como buscar timbó para ser usado na pesca.

Meu muito obrigado a minha orientada Helena Moreira Schiel pela leitura e paciência nos momentos de incerteza.

PREFÁCIO

Posso dizer que esta pesquisa tenha começado no primeiro semestre de 2012, quando conheci Walter Wai Wai e Xamen Wai Wai estudantes da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

Nesse período, comecei a aprender as primeiras palavras em Wai Wai: *kirwane* (tudo bem), *kirwan* (bom), *poxuwem* (gostoso), *uuwi* (farinha), *mokya* (voltando, chegando), *tuuna* (água), *nhnk* (sim), *okoyi* (cobra), *kaamo* (sol), *Nuuni* (lua), *kaapu* (céu), *kayaritomo* (majestade, rei, cacique), *pahxan* (antigo), entre muitas outras.

No ano de 2014 passei a dividir apartamento na cidade Santarém com Roque Yaxika Wai Wai que ingressou na UFOPA no curso de antropologia. Essa experiência a compreendo como um aprendizado diário da língua e cultura Wai Wai desde então.

Com o passar do tempo, minha rede de amizades e conhecidos se ampliou com os Wai Wai. Passei a acompanhar reuniões pela cidade de Santarém quando havia presença dos caciques, hoje tenho uma boa relação com as lideranças da aldeia Mapuera. Fui ajudado por eles em conseguir a autorização burocrática de pesquisa junto a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), puro formalismo segundo os caciques.

Em conversa entre eu e os caciques Elizeu e Yaxikma na cidade de Santarém, foi decidido que deveria ir até a FUNAI na cidade de Oriximiná, mas fui alertado que isso era só para sermos politicamente amistosos com todos, pois nas terras Wai Wai quem manda são os indígenas de lá. Em início de janeiro de 2016 cheguei à aldeia Mapuera, município de Oriximiná, Estado do Pará, retornando no final de fevereiro do mesmo ano.

Já tinha conhecimento da existência de diversas etnias indígenas no norte da Amazônia que em geral se intitulam Wai Wai, Tiriýó, Wayana, Hixkariyana, Aparai, Katxuyana, que esconde algo profundo e extraordinário. Esses são nomes genéricos empregados por outros e não correspondem as suas reais divisões sociais e políticas.

Meu tema inicial era a guerra, mais desisti e resolvi me aprofundar na chefia e no poder Wai Wai.

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade tratar a chefia e o “poder” entre os indígenas Wai Wai da aldeia Mapuera que fica no município de Oriximiná, Estado do Pará. Fala do seu cenário humano, detalhando em parte, como foi formado o povo Wai Wai. Aborda a fundação da aldeia Mapuera que é o centro político onde reside o chamado primeiro cacique ou cacique geral. Trata do processo de Waiwainização onde muitas outras etnias aprendem a ser gente, ou seja, Wai Wai. Apresenta como a chefia foi importante para as atuais conotações étnica.

Palavras-chaves: *mistura, etnicidade, chefia.*

ABSTRACT

This work has the purpose of treating the leadership and the "power" among the Wai Wai natives of the Mapuera village in the municipality of Oriximiná, in the state of Pará. It speaks of their human scenery, detailing in part how the Wai Wai people were formed. It approaches the foundation of the village Mapuera that is the political center where resides the so called first cacique or general cacique. It deals with the process of Waiwainization where many other ethnicities learn to be “human”, that is, Wai Wai. It presents how leadership was important to the current ethnic connotations.

Keywords: *blend, ethnicity, leadership.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I.....	02
1 A ALDEIA MAPUERA.....	02
1.1 O CENÁRIOS HUMANO WAI WAI.....	09
CAPÍTULO II.....	12
2 MOSAICO MULTIÉTNICO WAI WAI.....	12
2.1 Eu sei que sou Wai Wai.....	14
CAPÍTULO III.....	17
3 A CHEFIA E O “PODER” WAI WA.....	17
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	21

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se pretende como abordagem sobretudo etnográfica à chefia e o “poder” entre os indígenas Wai Wai da aldeia Mapuera, Oriximiná, Estado do Pará. Está dividido em três capítulos. Primeiramente falarei do cenário humano¹ Wai Wai, posteriormente abordarei o mosaico multiétnico e finalizarei tratando a chefia e o “poder”.

O cenário humano Wai Wai é muito rico e vasto, abrange um extenso território entre o extremo norte do Brasil e sul da Guiana. Na região dos rios Trombetas e Mapuera se situam as aldeias Bateria, Pomkuru, Tamyuru, Mapuera (Ixamna), Placas, Paraíso, Inajá, Tacará, Kwanamari, Mapium, Pasara, Yawara, Tawana; Kaxpakuru, Arasa, Turuni, Ayarama que estão ligadas politicamente entre si.

Se nota um território muito grande e habitado por muitas etnias. Percebi que a aldeia Mapuera é uma espécie de centro político que engloba as aldeias citadas acima. Por esse motivo, escolhi fazer pesquisa de campo nela e o resultado está exposto nas páginas seguintes.

Na segunda seção, intitulada mosaico multiétnico, apresento a variedade de *yanas*² que passaram a morar juntas e hoje formam os Wai Wai. Perpasso pela noção de pessoa que sugiro ser construída ao longo do tempo e que varia de uma sociedade para outra, ao mesmo tempo, se concentra no corpo que é uma via de acesso concreta para se compreender a cosmologia deste povo.

Finalizo abordando a chefia e o “poder” entre os Wai Wai do mapuera que foram fundamentais para que diversas etnias se organizassem e como diria Howard (2001) ao seu próprio tempo, assumissem o comando do seu destino.

¹ Neste trabalho chamo de cenário humano algo que representa: aldeia multiétnica; a existência dessas pelos rios Mapuera, Trombetas e seus afluentes; a interligação entre esses lugares, por onde circulam pessoas, bens e rituais.

² Sufixo agregado a alguns etnônimos que, segundo Walter Powci Wai Wai, significa precisamente “povo” em Wai Wai.

CAPÍTULO I

1 A ALDEIA MAPUERA

Neste capítulo falarei a respeito do cenário humano Wai Wai da aldeia Mapuera, que se localiza no extremo norte da Amazônia brasileira. Quanto aos Wai Wai que vivem pela vasta região das fronteiras do Brasil e Guiana, se falará espontaneamente no decorrer dessa seção.

A fundação da aldeia Mapuera se deu com o retorno dos indígenas que estavam na Guiana para o Brasil. Esse regresso é justificado por vários fatores que me apontaram durante o trabalho de campo.

Woxina Wai Wai, 58 anos, relatou que o líder Ewká fez uma viagem a Georgetown, capital da Guiana, e voltou muito preocupado. Seu receio maior era que os fazendeiros guianeses mandassem liquidar os indígenas Wai Wai, pois o governo apoiava esses grandes proprietários de terras.

Nesse clima tenso, Ewká mandou expedições de reconhecimento que, ao mesmo tempo, foram incumbidas de fazerem as primeiras roças, preparando a chegada do contingente maior do povo que viria posteriormente.

Cohco Wai Wai, 58 anos, menciona que o motivo do regresso para o Brasil foram: o desejo do líder Ewká em se mudar para perto dos indígenas que moravam no rio Mapuera e o temor do ataque fatal dos negros da Guiana contra os Wai Wai.

A história de vida de Cohco, bem como de muitos indígenas do Mapuera, se entrelaça de múltiplas formas com a fundação da aldeia e eventos posteriores. Assim, resolvi transcrever parte de uma entrevista gravada em 14 de fevereiro 2016.

Os missionários chegaram primeiramente na aldeia Erpymo na Guiana, onde se informaram que havia grupos de indígenas no Kahxi-yomo [cachoeira grande] no Brasil.

Chegando a Kahxi-yomo tiveram contato com Mawaxa, grande liderança, que foi persuadido em ir para a Guiana. Os missionários continuaram em direção ao rio Mapuera, encontrando no lago Minirwaka os Hixkaryana.

O norte-americano Kmam [Robert Hawkin] convidou os Hixkaryana para irem a Guiana mas o povo não aceitou, foram em direção ao rio Nhamundá e rio Akari fugindo das doenças.

Certo tempo depois, os Hixkaryana regressaram a antiga aldeia, ainda morreram umas cinco pessoas de malária. Somente então, quando eu tinha mais ou menos 6 anos fomos com minha mãe para Guiana.

Quanto ao retorno, eu tinha entre 14 a 15 anos, quando aconteceu. Ewká fez uma reunião na aldeia Yakayaka [aldeia temporária, a principal era Kanaxen] e falou que queria voltar para a terra onde nascera.

Vinte e três pessoas foram escolhidas para abrir roçado ao mesmo tempo foram indicadas cinco famílias para cuidarem das roças. Incluindo meu pai e do índio Roberto, meu cunhado e outros dois que já faleceram Kiricawa e Kírîyme, entre outras pessoas que se dispuseram a vim para o Brasil e que foram apontadas.

Foi muito sofrido esse retorno, tivemos de ir buscar maniva na aldeia Kassawa, no Rio Nhamundá, onde os parentes de lá nos ajudaram até metade do caminho na localidade de nome Xuruaka. Fomos até Cachoeira Porteira que fica descendo o rio Mapuera, passando para o rio Trombetas, muito distante.

Em 1974 veio da Guiana o cacique Caramuca e seu genro o pastor Poriciwi, ficamos em 11 famílias no Mapuera. Em 1975 chegou Ewká acompanhado de 50 a 70 famílias, o restante do povo ficou além das fronteiras brasileiras, umas 30 famílias (COHCO WAI WAI)

Outro colaborador que muito me ajudou na compreensão de diversos aspectos da aldeia Mapuera foi Taia Wai Wai, 57 anos. Ele se mostrou muito comunicativo e estava sempre disposto a responder minhas inquietações. Em sua perspectiva foi fácil Ewká persuadir o povo a voltar. Naturalmente houve aqueles que não queriam vir, inclusive seu irmão, pois se envolvera com uma moça do povo que até hoje mora na Guiana. Sempre existem as exceções e no fundo a maioria das etnias queriam acompanhá-lo e assim aconteceu.

Atualmente esse morador é Agente Comunitário de Saúde – ACS, concluiu o ensino médio pela Educação de Jovens e Adultos – EJA e pretende tão longo que aparecer oportunidade ingressar em uma faculdade. Essa afirmativa foi feita em uma manhã de domingo olhando para alguns livros, inclusive uma tese em inglês da pesquisadora Catherine Vaughan Howard que anos atrás deixou na aldeia.

Como já demonstrado, a fundação de Mapuera está intimamente interligada à trajetória dos indígenas que vieram da Guiana, porém, existem aqueles vindos de aldeias genericamente chamadas de Hixkariyana no rio Nhamundá como apontou Cohco Wai Wai. Muitos indígenas em épocas de grandes epidemias buscaram refúgio e remédios em missões religiosas que por lá se instalaram. No entanto, a maioria dos que residem na aldeia acompanhou Ewká em seu retorno.

Voltando aos motivos do regresso da Guiana, Poriciwi Wai Wai relatou que as razões vão desde as fortes lembranças das terras onde viviam antigamente esses povos, passando por questões práticas, pois a Guiana é um país pequeno e o avanço das fazendas fazia com que esse território ficasse menor ainda. Havia o constante temor dos negros da Guiana virem exterminar todos que moravam na aldeia, eram muitos os boatos dessa natureza.

Existem muitas razões para a fundação da aldeia Mapuera, algumas apontadas repetidas vezes por diferentes indígenas colaboradores desse trabalho. Existe uma recorrência nos relatos de Woxina, Poriciwi e Cohco, que nos dá certeza em tratar a questão por esse ponto de vista.

Acredito ser importante chamar atenção ao temor Wai Wai ao conflito com os negros da Guiana. Pela natureza desse trabalho, que tem como tema central chefia e “poder”, é interessante observar como as lideranças conduziram a soluções formidáveis essa e outras questões.

De posse de um número razoável de informações sobre a vida dos indígenas que moravam na Guiana, comecei a compreender o clima de desconforto que pairava no ar, sentida pela maioria dos moradores da aldeia missão Kanashen.

A viagem de volta para o Brasil, feita por Ewká com o grupo maior de indígenas, foi marcada pela desconfiança de estarem sendo seguidos. Já havia chegado aos ouvidos das autoridades guianense que indígenas Wai Wai estavam se mudando para o Brasil.

Ao mesmo tempo que nós indígenas éramos um espinho no pé dos grandes proprietários de terras da Guiana naquela época, havia um lado do governo que queria a permanência dos indígenas no seu território, por isso saímos escondidos.

Durante uma reunião na capital da Guiana, foi perguntado a Ewká por que queria ir para Brasil? Ele respondeu as autoridades que era brasileiro, tinha nascido do outro lado da fronteira. Além disso, ele argumentou, vocês não estão mais nos ajudando, eu e meu povo acreditamos que vocês querem nossa morte para ficarem onde moramos. As autoridades disseram não você e seu povo são guianeses, devem ficar no país de vocês.

Quando estávamos viajando rumo ao Brasil e passava algum avião, todo mundo se escondia, com receio de ser o exército da Guiana querendo nos achar (Taia Wai Wai).

Quanto à localização da nova aldeia no território brasileiro, Ewká orienta que seja construída onde existe um lugar de terra fértil, as margem do rio de nome *kuumu-wo* (significa bacabal)³, hoje ele é conhecido com rio Mapuera.

Primeiramente a aldeia foi fundada à margem direita do rio. Houve uma grande enchente fazendo com que fosse transferida para margem oposta, onde até hoje se encontra.

A aldeia Mapuera está localizada na beira de rio homônimo. Este é afluente do rio Trombetas que desagua no rio Amazonas. Essa povoação se situa nas

³ Lugar onde tem muita bacaba, um fruto que serve para preparar muitas bebidas e era muito abundante nessa área antigamente.

abrangências do município de Oriximiná, Estado do Pará, coordenadas geográfica 0°41'54.6"S 57°58'20.9"W, localização feita por mim dentro da casa grande com *Global Positioning System (GPS)* particular.



IMAGEM 1: ALDEIA MAPUERA.

Fonte: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em 10 de fev. 2017.

Na IMAGEM 1 é possível observar de um ângulo privilegiado a aldeia Mapuera. Algumas mudanças já ocorreram em relação a certas casas, mas praticamente ela continua com a mesma estrutura.

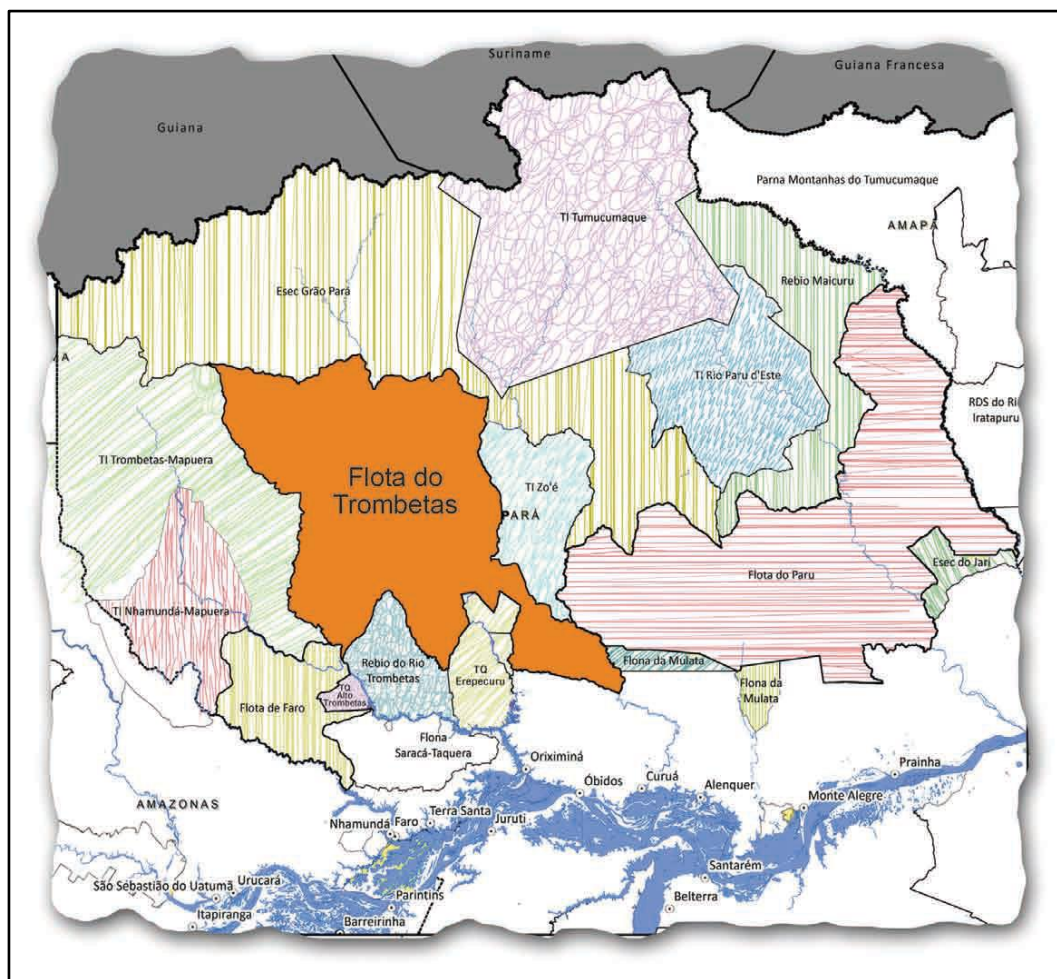
Se observa na parte superior, quase ao centro, a localidade apontada pelos indígenas como “bairro da saúva”. A explicação para esse afastamento das outras casas foi que antigamente à aldeia era dividida por etnias. Com o processo de miscigenação étnica essa estrutura tem se “desfeito”. Isso não quer dizer que não existe mais.

Nas conversas constantes que tive com Salomão, algumas vezes ele apontava para certa direção da aldeia e dizia “para lá moram a maioria dos Xerew, para cá boa parte é Hixkaryana” e assim sucessivamente. Nada muito preciso, mas existe na memória e na prática um pouco essa divisão.

No momento do meu trabalho de campo, segundo informações de funcionários do posto de saúde, a aldeia Mapuera era habitada por cerca de 1200 pessoas. Esse número varia, pois, muitos indígenas têm casas em outras aldeias menores, ou passam temporadas em suas roças.

A aldeia Mapuera possui posto de saúde, com presença de enfermeira e técnicas de enfermagem constante que se revezam durante o mês, médico e dentista se alternam quinze dias para cada, quando um está em campo outro fica na cidade.

A maioria das casas é feita de madeira e assoalho, algumas têm mais de um andar. Com o tempo foram sendo substituídas por materiais que levam mais tempo para serem trocados. A maioria é coberta por telhas de amianto e alumínio.

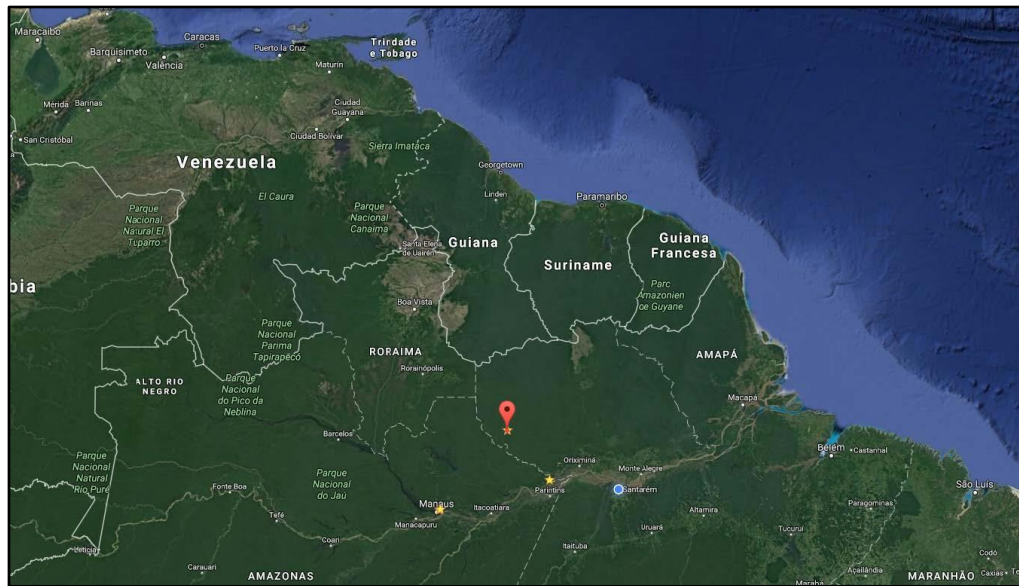


MAPA 1: UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E TERRAS INDÍGENAS DA CALHA NORTE DO RIO AMAZONAS NO ESTADO DO PARÁ.

FONTE: SEMA(PA), Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Pará. Cartilha do Plano de Manejo da Flota Trombetas. Belém: SEMA, 2011.

Pode-se observa no MAPA 1 que existe um corredor ecológico formado por várias Unidades de Conservação (UC) Terras Indígenas (TI) que se interligam. Neste mapa é localizar facilmente as TI Nhamundá-Mapuera, Trombetas-Mapuera e as UC Flota Faro e Trobetas.

Cito todas estas TI e UC pelo fato de ou serem habitas pelos Wai Wai ou utilizadas como área de caça, coleta e pesca.



MAPA 2: EXTREMO NORTE DO BRASIL.

Fonte: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em 06 de Jan. 2017.

A localização precisa da aldeia Mapuera está na TI Nhamundá-Mapuera, no centro do MAPA 2 existe uma marcação em vermelho dando essa evidência. Esta marcação foi conseguida pelas coordenadas de GPS já citada em linhas acima.



MAPA 3: TI NHAMUNDÁ-MAPUERA E TI TROMBETAS-MAPUERA

FONTE: Etnozoneamento da porção paraense das terras indígenas Trombetas-Mapuera e Nhamundá-Mapuera/Ivaneide Bandeira Cardozo, Israel Correa do Vale Junior, org. --Porto Velho - RO: EDUFRO, 2012. 200p. il.

O MAPA 3 apresenta a totalidade das áreas das TI Trombetas-Mapuera e Nhamundá-Mapuera. A primeira se estende pelos Estados de Roraima, Pará e Amazonas. A segunda somente no Pará e Amazonas.

O território onde se encontra a aldeia Mapuera foi demarcado como terra indígena pelo Decreto federal nº 98.063, de 17 de agosto de 1989, sua área é de 1.022.400 hectares.

Vejo como importante mencionar a Homologação da terra indígena Trombetas-Mapuera pelo Decreto federal s.n. de 22 de dezembro de 2009. Esta TI faz parte da abrangência política dos caciques da aldeia Mapuera. Diversas aldeia Wai Wai estão nesse território.

Quanto ao clima da região, predominam duas estações, uma chuvosa que coincide com a cheia dos rios e outra quase sem chuvas, onde o nível dos rios cai ao ponto de dificultar a navegação.

O período chuvoso começa por volta de final de fevereiro e início de março se estendendo até fim de junho início de julho, esse é o inverno da região. O restante dos meses do ano é quase sem chuva, vem a ser o verão.

No quesito construções, Yaxikma me informou que as palhas de ubim estão muito distantes, como as telhas são mais duráveis é preferível utilizá-las. São compradas nas cidades próximas, normalmente no período da cheia dos rios.

Na aldeia existem diversas motosserras. Sua utilização é ampla vai desde tirar lenha, fazer canoa e armações de casa como: tabuas, vigas, caibros e esteios.



Imagem 2: Casas da aldeia Mapuera na atualidade.

Fonte: autor.

No período sem muita chuva, as vezes acontecem queimadas. Testemunhei um incêndio na floresta que durou semanas, consumindo muitas vezes roças inteiras.

Certa madrugada de janeiro, ouvi gritos desesperados, crianças, mulheres, homens todos correndo em direção as roças que estavam no caminho das chamas. Esse rebuliço, que as vezes terminava em gargalhada quando o fogo não atingia as plantações, só terminou quando iniciou o período chuvoso, que nesse ano começou em fevereiro.

1.1 O CENÁRIO HUMANO WAI WAI

Os indígenas da aldeia Mapuera, assim como muitos outros que habitam a região, reconhecem um processo que foi designado por Catherine Vaughan Howard como *waiwainização*, que se refere a um aprendizado de como ser Wai Wai (HOWARD, 2001).

O nome Wai Wai é um etnônimo exógeno, atribuído pelos indígenas da etnia Wapishana e significa tapioca (FOCK, 1963). No decorrer do trabalho de campo, grande parte dos colaboradores⁴ deram informações muito precisas. Alguns argumentaram que pelo fato dos antepassados considerados Wai Wai “puros” serem um pouco mais claros que outros indígenas que habitavam a região, eram comparados à farinha branca da tapioca, eles mesmos se atribuíam o nome de *Pinifici* (baixinhos) segundo Xamen Wai Wai.

Os moradores do Mapuera me informaram que muitas pessoas colaboraram para a formação do cenário humano atual. Inclusive a chegada à Guiana, por volta do ano 1947, de dois irmãos norte-americanos, da Unenvangelized Fields Mission. Eles fundaram, depois de um certo tempo, uma aldeia que veio a ser chamada de Kanashen, localizada na Guiana Inglesa.

O passo seguinte dado por esses missionários foi atrair para esse lugar grupos indígenas de diferentes etnias que se encontravam na região dos rios Nhamundá e Mapuera, território brasileiro. Nos dias atuais a missão possui o nome de Missão Evangélica da Amazônia (Meva) que tem como resultado ter introduzido vários novos elementos na cultura Wai Wai. Tais elementos forçaram os índios a abandonarem muitos dos comportamentos e valores tradicionais que possuíam

⁴ Entendemos por esse termo os interlocutores que tivemos na aldeia e fora dela. Sua participação e importância é suficientemente grande a ponto de parecer injusto tratá-los como mero “objeto”. Dessa forma, me parece mais fiel à realidade tratá-los como colaboradores.

antes desse contato. Apesar disso, alguns persistem ou foram readaptados a uma nova situação (CAIXETA DE QUEIROZ, 1999).

Líderes como Ewká foram assediados por missionários para pregarem a “palavra de Deus” para os não-convertidos. Em contrapartida ofereciam bens como espelhos, machados, miçangas e facas além da proteção contra o “fim do mundo”⁵, eram essas as coisas oferecidas se caso decidissem visitar a aldeia Kanashem (CAIXETA DE QUEIROZ, 2015). Assim, os missionários iniciaram o processo de tentativa de conversão para o cristianismo dos indígenas isolados.

Poriciwi Wai Wai, 67 anos e atual morador da aldeia Mapuera, me informou que antes os indígenas viviam espalhados em pequenos grupos pelas florestas. Outros até viviam em aldeias maiores, mas perambulavam dependendo do período de caçadas ou se mudavam devido à morte de algum parente. Mas com a chegada dos missionários passaram a morar em aldeia missão permanente como Kanashem.

As epidemias dizimaram muitos *yanas* e os sobreviventes se viram forçados a abandonarem suas regras de casamento, se fundindo a outros povos. Muitas pequenas aldeias simplesmente desapareceram de uma hora para outra. Estas catástrofes são um dos atores que agiram para dar os atuais tons dos aldeamentos considerados Wai Wai.

As muitas mortes diminuíram drasticamente os indivíduos dos grupos, não possibilitando os casamentos seguindo as antigas regras. A solução foi o casamento ocorrer entre os diversos povos (Salomão Wai Wai, 43 anos). Segundo Meggers (1987, 139) [...] “devido à escassez de mulheres Wai Wai, os homens foram levados a desposar mulheres de outras tribos, os filhos de tais casamentos eram considerados Wai Wai⁶.”

Estas situações estão na raiz de um equívoco cometido por Niels Fock e severamente criticado por Howard. Segundo Fock (1963, p. 242) “The Waiwai culture, which in 1955 was vigorous and in the main unaffected by civilization, has already ceased to exist”.

O que Fock não viu foi uma explosão populacional daqueles que se identificam como Wai Wai. Há uma expansão política robusta da sociedade Wai Wai

⁵ Muitas epidemias varreram a região, a perspectiva nativa era que o mundo conhecido por eles ia acabar, pois todos morreriam, assim fomos informados durante nosso trabalho de campo.

⁶ Antecipando uma possível indagação de um leitor ou leitora desse trabalho: percebi que ser Waiwainizado é algo que pode acontecer com qualquer indivíduo, seja qual for sua etnia, e não necessariamente reservado a alguém que tenha pai ou mãe Wai Wai.

ao assimilar outros grupos indígenas em uma ampla área do norte da Amazônia ao mesmo tempo estabeleceram um grau incomum de influência sobre suas relações e interações como os não-índios. O que de fato ocorreu foi que a exposição aos missionários, colonos e agentes do governo desencadeou uma forma de reação milenar pelos Wai Wai para reafirmarem o controle sobre seu destino (HOWARD, 2001).

Foi esse o contexto da formação do cenário humano Wai Wai: o ajuntamento primeiramente na Guiana, depois o retorno de grande parte da população dessa aldeia para o Brasil, onde passaram a viver na aldeia Mapuera e dividir o espaço de forma permanente.

A seguir descreverei o mosaico multiétnico que configura a aldeia Mapuera. Adianto que não tenho como propósito adentrar na discussão conceitual de etnia ou mesmo afirmar categoricamente se cada um dos etnônimos utilizados é ou não uma etnia. O tema foi muito bem tratado Denise Fajardo Grupioni em artigo intitulado: Os yanás caribeguienses na região de Oriximiná: que coletividades são essas? Publicado em 2015 em um livro organizado pela própria autora com o título: Entre Águas Bravas e Mansas, índios & quilombolas em Oriximiná.

Nesta mesma publicação, organizada por Grupioni existe outro texto que aborda a questão, este é do antropólogo Rubens Caixeta de Queiroz, tem como título: Cosmologia e História Waiwai e Katxuyana: Sobre os Movimentos de Fusão e Dispersão dos Povos (Yana).

CAPÍTULO II

2 MOSAICO MULTIÉTNICO WAI WAI

A diversidade de etnias que compõe o cenário humano Wai Wai é muito grande na atualidade. Algumas pessoas foram incorporadas via casamentos, outros foram persuadidos e passaram a dividir a mesma aldeia. É nesse emaranhado étnico, nessa construção, desconstrução e reconstrução de pessoas que pretendo adentrar nessa parte do trabalho.

Essa postura passa a ser importante, nesse caso específico, para ouvir e acompanhar os pensamentos sobre as diversas maneiras pelas quais os nativos se veem uns aos outros enquanto povo e o que leva às vezes manter-se pertencente ao grupo étnico de seus antepassados.

A maioria dos Wai Wai da aldeia Mapuera afirmaram que são misturados, filhos e filhas de etnias diversas como Parukoto, Mawayana, xeñew, Katwena, Tuunayana, Karapawyana, Tikyana, Tiriyo, Hixkariana e muitos outros *yanas* que são generalizados em Wai Wai.

Alguns habitantes de Mapuera foram apontados pelos próprios indígenas como descendentes dos Wai Wai “puros”, desde então, passei a ficar mais próximo a um deste chamado Poriciwi Wai Wai.

Depois de um mês de conversas quase que diárias, Poriciwi me contou que houve no passado um casamento de uma ancestral sua com uma pessoa da etnia Katwena, mas isso não tirava sua pureza de ser Wai Wai.

Foi dessa forma que comecei a compreender que ser Waiwainizado é algo que pode acontecer com quase⁷ qualquer pessoa, não exigindo para tanto ter pai ou mãe Wai Wai.

Como não está completamente no sangue ser Wai Wai, o parentesco é formado nas afinidades constituídas no processo de Wawainização para os habitantes de Mapuera.

Tomarei um trabalho recente e um tanto distante da realidade Wai Wai, mas que a meu ver serve de contraponto para discutir o fato dos Wai Wai sentirem-se

⁷ No passado houve casos em que algumas indígenas não aceitaram ser Waiwainizados e foram mandados embora de Mapuera, viviam em bebedeiras e arrumando confusão (Walter Wai Wai).

misturados. Trata-se do caso dos Karajá de Buridina (Aruanã – GO) tal como descritos por Nunes (2014. p, 303-307)

A mistura, para os Karajá, é uma forma de relação que não gera híbridos [...] Os corpos mestiços são o protótipo dessa duplicidade, pois contêm dentro de si os dois (ou mais) sangues de seus ascendentes: um mestiço, filho de um karajá puro com uma branca, por exemplo, é dito ter dois sangues, Karajá e tori– e não um único “sangue misturado”.

No caso Wai Wai, observei que a concepção de mistura (ou mestiçagem) é diferente. Além de não levar em consideração o sangue⁸ para alguém se torna um Wai Wai, estes atualmente são “híbridos”.

Tomarei como referência o relato de Yaxikma cujos pais são das etnias Hixkaryana e Mawayana. Durante um Jantar, em que o prato principal era um tatu gordo, ele me disse que “aprendeu a ser Wai Wai”. Mesmo tendo casado com uma filha dos ditos Wai Wai “puros”⁹, não é o casamento que faz um Wai Wai.

Depois de alguns dias, quando eu trabalhava plantando uma roça com Yaxikma, que desde então ficou conhecida como roça do Meekuci (macaquinho) meu apelido que carrego desde criança, o mesmo completou depois de ser indagado mais uma vez de como se vira Wai Wai? “Pela influência, o respeito dos outros, o sentir-se parte do povo, mesmo sendo misturado por dentro todos são hoje Wai Wai aqui no Mapuera”. Ele finalizou, “hoje sou o terceiro cacique de Mapuera por que sou Wai Wai.”

Ficou bastante evidente que ser Wai Wai na atualidade é pertencer a algo resultado de relações estabelecidas em uma ampla rede, onde acontecem deslocamentos e intercâmbios de grupos nativos da região entre si e com os não-índios. Como nos apontam Howard (2001) nesse movimento não há busca da reconstituição de uma “origem” ou de uma “pureza” étnica perdida no passado.

Apoiado nesses dados, sugiro pensar que os Wai Wai agenciam os pertencimentos necessários de acordo com o contexto de enunciação de sua etnicidade. Em outros termos, em certos momentos quando é vantajoso todos são Wai Wai e em outros somente alguns, pois se dizem serem Parukoto, Xerew, Katwena, Tunayana, Karapawyana, Tikyana, Xowyana, Mawayana, Tirios, entre

⁸ O Sangue é uma objetificação de duplicidade que é a mistura, sendo a imagem do mestiço um protótipo de mistura (NUNES, 2014).

⁹ Na aldeia Mapuera os indígenas apontados como Wai Wai puros são poucos. Poriciwi Wai e sua esposa Wahciki Wai Wai Wai são uns desses.

outras etnias que compõem na atualidade o cenário humano do Mapuera. Como se verá, argumentarei que essa forma de *transformação* em Wai wai tem influência direta na maneira como a chefia é exercida. Procuraremos pensar essa construção e reconstrução étnica constante começando a partir da noção do “eu”.

2.1 EU SEI QUE SOU WAI WAI

Pode-se dizer que Wai Wai é um nome genérico que na verdade designa vários “subgrupos” habitantes de uma vasta região que vai do sul da Guiana, precisamente rio Essequibo, passando pelo Estado de Roraima nos rios Jatapu, Anauá e chega até o noroeste do Estado do Pará no rio Mapuera (CAIXETA DE QUEIROZ, 2015). Considero que se tem com isso, um mosaico étnico rico e complexo.

O que notamos em campo é que os Wai Wai têm uma consciência apurada dessa generalidade e é exatamente esse ponto o mais instigante, pois não podemos separar a compreensão dessa concepção de suas noções do “eu”. A ideia de “pessoa”, a ideia do “eu” não é inata e sim construída ao longo do tempo é flutuante, delicada, preciosa e passível de maior elaboração (MAUSS, 2003).

Por mais que alguns não tenham descendência de pai e mãe que pertençam aos antigos Wai Wai, essa questão está muito bem resolvida para estes. Muito ouvi dos indígenas que eles podem ser, quando desejam, apenas um povo que descende de outros misturados. Sempre houveram casamentos interétnicos ou mesmo uma coisa que hoje não se vê mais nessa terra: o roubo de mulheres que eram levadas à força.

No passado, era comum haver mulheres com mais de um marido, bem como homens com mais de uma esposa. Muitas vezes essas esposas e maridos eram de etnias diversas. Não sei informar se havia algum tipo de *status* diferenciado desses que praticavam poligamia. Essa questão deve ser melhor explorada por trabalhos posteriores.

É importante deixar claro que a noção de como alguém se torna Wai Wai é nativa e está profundamente presa à sua realidade passada, presente e evidentemente em alguns aspectos adaptadas aos novos tempos. Eles costumam

reiterar a sentença: “é assim hoje por que isso sempre aconteceu”. Segundo Seeger; Da Mata; Viveiro de Castro (1979, p. 2-3)

[...] a originalidade das sociedades tribais brasileiras (de modo mais amplo, sul-americanas) reside numa elaboração particularmente rica da noção de pessoa, com referência espacial à corporalidade enquanto idioma simbólico focal. Ou, dito de outra forma, sugerimos que noção de pessoa é uma consideração do lugar do corpo humano na visão que as sociedades indígenas fazem de si mesmas são caminhos básicos para uma compreensão adequada da organização social e cosmológica destas sociedades.

Vejo que o corpo é uma via de acesso concreta para se compreender a cosmologia dos índios brasileiros e algo a ser construído em longo processo. Quando um Wai Wai se reconhece misturado etnicamente está reforçando essa ideia.

Na atualidade, os jovens têm muita liberdade de escolha de cônjuges. Nos primeiros anos de existência da aldeia Mapuera o cacique Ewká não aceitava que seus filhos se cassem com pessoas de outras etnias. Chegou a formular uma espécie de lei que proibia o casamento multiétnico. A vivência conjunta de diversas etnias no mesmo lugar massificou o casamento entre os diversos *yanas*, terminando por ser esquecida a lei que o proibia.

Diversas vezes indaguei como ficava sua identificação étnica nessa mistura. A resposta mais corriqueira era que. “Agora somos todos Wai Wai, mesmo alguns não sendo” (Salomão Wai Wai). Vemos um comentário parecido na fala de Yaxikma, em linhas anteriores.

Quanto à noção do “eu” Wai Wai, percebi que os insights de Mauss (2003) e Seeger; Da Mata; Viveiro de Castro (1979) muito serviram para iluminar minha própria análise dessa categoria entre os Wai Wai. Pode-se dizer que essa noção de eu foi construída na observação de suas vivências, relações estabelecidas no decorrer do tempo com outros povos, missionários e a sociedade ocidental em geral. Sugiro, portanto, que ela é adquirida nas relações de afinidades e fixadas no corpo dos Wai Wai.

Segundo a opinião de muitos que tivemos contato na aldeia, as múltiplas relações construídas pelas diversas etnias repercutiram profundamente de forma positiva, pois antes era extremamente ruim, morria-se muito fácil com as doenças

dos brancos. A união de diversos *yanas* os deixou forte, isso explica por que “é bom ser Wai Wai”.

É relevante comentar que alguns mais velhos sentem saudade das antigas festas, mas consideram a nova forma de viver muito boa, pois dá esperança ver seus descendentes pueris correndo, brincando pela aldeia e cada vez mais o povo cresce e se torna mais forte.

Alguns relataram as grandes epidemias que os amedrontavam e hoje quase desapareceram. Avaliaram como positivo o contato com missionários e sociedade envolvente.

Meu pai e minha mãe pertencem à família dos antigos Wai Wai, eu vim jovem de volta da Guiana, nosso povo sofreu muito com as doenças, muitos morreram de malária nesse tempo.

Hoje está muito melhor, pois sabemos o que é bom, não precisamos que alguém diga isso para gente. Vocês devem ser assim, desse jeito ou daquele jeito.

Antigamente nossas meninas andavam todas despidas, era por que não tinha roupa. Moças novas com peitinho de fora andavam naturalmente pela aldeia.

Eu sempre tive ciência das transformações que estavam ocorrendo devido o contato com outras etnias e principalmente com os homens das cidades. Houve mudanças por que foi necessário nos adaptar à nova realidade. Quem não quer o melhor para os seus? (WOXINA WAI WAI).

Por estes caminhos começamos a entender por que muitos dizem que sabem que são Wai Wai, suas histórias entrelaçadas as de muitas outras.

Essa diversificação étnica, no mesmo espaço, só foi possível graça à forma como agiram e agem os chefes Wai Wai. A maioria deles soube fazer aceitar regras que permitiram um convívio pacífico entre esses povos de origens distintas.

CAPÍTULO III

3 A CHEFIA E O “PODER” WAI WAI

Na aldeia indígena Mapuera existem os cargos de primeiro, segundo e terceiro cacique. Atualmente, a escolha é feita pelo voto durante um grande evento. Neles estão presentes as pessoas das 18 aldeias que se localizam tanto subindo quanto descendo os rios Mapuera e Trombetas.

Existem diversas lideranças na aldeia Mapuera que é o centro político dos Wai Wai. Por ser uma aldeia considerada grande para os padrões amazônicos essa pode ser entendida como uma forma encontrada para manutenção de sua organização. As lideranças têm várias funções. Em tempos de caçadas e pesca, para reunir alimentos para grandes eventos, se tornam chefes de equipes. São pessoas que impõem respeito e têm experiência suficiente para execução de atividades direcionadas para cada grupo que adentram as florestas e os rios.

Nos Wai Wai da aldeia Mapuera, bem como nas outras aldeias menores, uma liderança não é a mesma coisa que um cacique. Ocorre que a liderança deve ter as características necessárias para ocupar, na maioria das vezes, o lugar de um cacique.

Como dito anteriormente em linhas acima, atualmente os caciques são escolhidos pelo voto e no caso da aldeia Mapuera, em que são três, segue-se a ordem do mais ao menos votado na ocupação dos lugares.

Nas aldeias menores do complexo político Wai Wai Trombetas/Mapuera, que nesse trabalho chamamos assim pelo fato das aldeias se distribuírem ao longo desses rios principais, prevalece o mesmo formato, mas cada uma tem apenas um cacique.

Uma função importante das lideranças, notado durante o trabalho de campo, é que podem, quando reunidas em consenso, pedir novas votações. Assim, os caciques que não estão desenvolvendo bom trabalho são substituídos.

O que é considerado um “bom trabalho” de um cacique, posso dizer depois de certo tempo de convivência entre os Wai Wai¹⁰, compreendo como as tarefas de

¹⁰ Tanto o tempo que fiquei em campo de início de Janeiro a final de fevereiro, quanto os 2 anos que dividir apartamento em Santarém com Roque Yaxikma Wai Wai e a convivência constante com vários

apaziguar conflitos, ser generoso e conseguir isso pela oratória, pelo diálogo, pela fala. Não dando ordem como um tirano, mais exatamente o contrário, se valendo sobretudo do seu prestígio. Segundo Clastres (2003, p. 222-223)

[...] o chefe não dispõe de nenhuma autoridade, de nenhum poder de coerção, de nenhum meio de dar ordem. O chefe não é um comandante, as pessoas da tribo não têm nenhum dever de obediência. *O espaço da chefia não é o lugar do poder*, e a figura (mal denominada) do “chefe” selvagem não prefigura em nada aquela de um futuro déspota [...] Essencialmente encarregado de eliminar os conflitos que podem surgir entre indivíduos, famílias, linhagens etc., ele só dispõe, para restabelecer a ordem e a concórdia, do *prestígio* que lhe reconhece a sociedade. Mais evidentemente prestígio não significa poder, e os meios que o chefe detém para realizar sua tarefa de pacificador limitam-se ao uso exclusivo da palavra: não para arbitrar entre as partes opostas, pois o chefe não é um juiz e não pode se permitir tomar partido por um ou por outro; mas para, armado apenas de sua eloquência, tentar persuadir as pessoas da necessidade de se apaziguar, de renunciar às injúrias, de imitar os ancestrais que sempre viveram no bom entendimento. Empreendimento cuja vitória nunca é certa, aposta sempre incerta, *pois a palavra do chefe não tem força de lei*. Se o esforço de persuasão fracassa, então o conflito corre o risco de se resolver pela violência e o prestígio do chefe pode muito bem não sobreviver a isso, uma vez que ele deu provas de sua impotência em realizar o que se espera dele.

Vários de nossos colaboradores indígenas nos informaram que o clima na aldeia Mapuera sempre foi tenso entre as diversas etnias que dividem espaço, sendo um grande desafio para quase todos os caciques.

Quanto ao posto de cacique, sempre houve envolvimento de outras lideranças da aldeia, que podemos dizer exercem a função de não deixar que um cacique se torne um tirando.

A seguir apresentaremos os primeiros caciques da aldeia Mapuera, em ordem desde sua fundação até os dias atuais. Primeiramente foi Ewká, foi sucedido por Yukuma, o seguinte foi Tamokrana, depois veio Poroxa, atualmente é Elizeu Yîrayxa.

Pelos relatos que obtive em campo, além de Ewká que era o cacique, duas lideranças se destacam em seu tempo que são: Caramuca e Yakuma.

Por opção Ewká se muda para o rio Jatapuzinho no Estado do Roraima e deixa o posto de cacique para Yukuma. Segundo relatos de diversos indígenas como Poriciwi, Salomão e Powci a primeira opção de escolha foi Caramuca que recusou o posto, preferiu ficar apenas como liderança.

Ewká fala para Caramuca: você vai ficar ai... venha comigo, eu e minha família vamos para o rio Jatapuzinho;
 Caramuca: Não eu vou ficar;
 Ewká: Esses povos que vivem na aldeia Mapuera vão te matar, levam se enfeitiçar uns aos outros em um *parawa* [ritual de vingança] que nunca acaba;
 Caramuca: Vou ficar! Vou ajudar a se organizarem, nós os convencemos em vir morar com a gente, não podemos abandoná-los nesse momento (SALOMÃO WAI WAI).

Tomarei a trajetória de três primeiros caciques – Ewká, Yukuma e Tamokrana – para exemplificar como se dá essa performance e aprovação (ou desaprovação) pública.

Muito foram os relatos que mostram que Yukuma se tornou um chefe como diria Clastre (2003) “déspota”. Mandava certas pessoas o carregarem em redes de um lugar para outro, ordenava que outros indígenas deixassem sempre abastecida sua moradia com água e muitas outras coisas.

Yukuma chegou ao ponto de solicitar que toda vez que fosse ao banheiro alguém o carregasse. Certo indígena era encarregado de tirar na floresta pequenos tacos de madeiras, descascá-los, deixando bem lisos para serem utilizados na sua higiene quando fosse fazer suas necessidades fisiológicas. Essas e muitas outras coisas, causaram problema na aldeia. Houve reunião com os habitantes de Mapuera e desde então os caciques passaram a ser escolhidos pelo voto. Quando Tamokrana foi escolhido a votação foi feita levantando a mão. A escolha de Poroxa e posteriormente Elizeu Yírayxa foi no papel, imitando a votação dos brancos das cidades (Salomão Wai WAI).

No decorrer desse trabalho Ewká foi muito citado, em diversas ocasiões exerceu com maestria sua posição de chefe indígena. As diferenças de se comportar entre ele e Yukuma são gigantescas. Apoiado em Clastres (2003) entendo que Yukuma foi abandonado por não ter nenhum “poder”.

[...] O chefe está a serviço da sociedade, é a sociedade em si mesma – verdadeiro lugar do poder – que exerce como tal sua autoridade sobre o chefe. É por isso que é impossível para o chefe alterar essa relação em seu proveito, colocar a sociedade a seu próprio serviço, exercer sobre a tribo o que denominamos poder: a sociedade primitiva nunca tolerará que seu chefe se transforme em déspota (CLASTRES, 2003. p. 224)

Cito no decorrer desse trabalho a categoria “poder”. Ciente de seu uso ser controverso nas análises da política ameríndia, creio ser útil lançar mão da definição feita por Marc Brightamn desse termo. O autor trabalhou com grupos indígenas

nessa mesma região de fronteira e não relaciona o termo com coerção e sim como sinônimo de “influência”.

[...] It is worth noting that it can also give rise to different orders of power. Meanwhile, these observations should make clear that power need not necessarily be based upon coercion. It is necessary to unpack from the outset these assumptions based on political anthropology's long history of drawing its theoretical apparatus from the study of state power which, it was agreed until relatively recently, is based upon coercion. *When I speak of power, therefore, I do not presuppose coercion, and I use the word 'power' interchangeably with 'influence', which fortunately lacks such connotations.* Similarly, when I speak of hierarchy I do not imply the existence of power relations (BRIGHTMAN, 2007. p. 3. Itálicos meus)

Nesse movimento o autor procura se afastar das conotações coercitivas que possam vir a acompanhar essa ideia, se aproximando em linhas gerais ao poder de influenciar, organizar e promover a integridade, criando um sistema de rede de relações de vários tipos.

Tamokrana ficou como cacique até solicitar sua substituição, estava velho quando isso aconteceu. Os moradores de Mapuera informaram que ele era muito trabalhador, preocupado com os habitantes da aldeia, sempre disposta a ajudar. Quando ocorreu nova escolha de cacique o eleito foi Poroxa, filho de Tamokrana.

Vemos nos três exemplos citados de cacique que um bom chefe, confirma o já apresentado em linhas anteriores nesse trabalho sobre como é bom ser Wai Wai, pois a união de diversos *yanas* os deixam forte. Esse cenário multiétnico da aldeia Mapuera favorece as lideranças que são generosas, de bom convencimento pela fala e solucionadora de conflito, ressoando em muito os dizeres de Clastres (2003) quanto ao papel do chefe.

Um dado que achei interessante, Yukuma foi o último chefe tido como pertencentes aos antigos Wai Wai, desde então, todos os primeiros caciques foram apontados como Waiwainizados, descendentes dos Hixkaryana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho que tem como tema a chefia e o “poder” entre os indígenas wai wai, aldeia Mapuera, Oriximiná-PA. Procurei mostrar vários aspectos do povo Wai Wai desse lugar. A fundação da aldeia Mapuera e a multiplicidade étnicas dos seus habitantes. A forma como se deu sua organização, onde os chefes e lideranças tiveram e continuam tendo um papel importante nesse processo que continua.

A produção desse trabalho, entendo como a realização de um desejo que apareceu enquanto estudante de graduação em antropologia. Pesquisar junto ao Wai Wai foi uma experiência maravilhosa e, ao mesmo tempo, mais exótica que tive até o presente momento.

Espero dar continuidade em trabalhos futuros, dessa e outras temáticas em relação aos Wai Wai, pois a meu ver há muitas questões a serem abordadas.

A chefia e o “poder” se mostrou um campo fértil para dar meus primeiros passos na área de antropologia. Como já mencionado em outro lugar desse trabalho, meu interesse inicial era a guerra Wai Wai, mas como o avançar da pesquisa percebi que deveria primeiramente abordar essa outra temática.

Vejo nos caciques Wai Wai, como exercem seu “poder”, a representação muito bem ajustada do típico chefe ameríndio já esboçada no corpo desse trabalho. Até mesmo a desajustada conduta de Yukuma serve para reafirmar essa ideia. Ao se apropriar do poder de forma não correspondente as ideias de influência, foi destituído da posição, pois se tonou um verdadeiro déspota.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRIGHTMAN, Mark. American leadership in Guianese Amazonia. PhD Thesis. Cambridge: St. John's College & Department of Social Anthropology, University of Cambridge, 2007.
- CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. 1999. "A Saga de Ewká: epidemias e evangelização entre os Waiwai." In: WIn: Robin Wright (org.) *Transformando os Deuses. Os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp.
- CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. Cosmologia e história Wai Wai e katxuyana: sobre os movimentos de fusão e dispersão dos povos (yana). In.: *Entre águas bravas e mansas, índios & quilombolas em Oriximiná* / organização: Denise Farjardo Grupioni, Lúcia M. M. de Andrade. São Paulo: Comissão Pró-Índios de São Paulo: Iepé, 2015.
- CLASTRES, Pierre [1934-1977]. *A sociedade contra o Estado*. Título original: *La société contre l'Etat: recherches d'anthropologie politique*. Tradução: Theo Santiago. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- FOCK, Niels. *Wai Wai: religion and society of an Amazonian tribe*. *Etnografisk Rakke*, VIII. Copenhagen: Nationalmuseets Skrifter, 1963.
- HOWARD, Catherine Vaughan. *Wrought identities: the Waiwai expeditions in search of the "unseen tribes" of Northern Amazonia*. Chicago: Doctoral Thesis, University of Chicago, 2001.
- Mauss, Marcel [1872-1950]. *Sociologia e antropologia*. Título original: *Sociologie et anthropologie*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MEGGERS, Betty j. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Tradução: Maria Yedda Linhares. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- NUNES, Eduardo Soares. "O constrangimento da forma: transformação e (anti)hibridez entre os Karajá de Buridina (Aruanã - GO)". *Revista de Antropologia*, São Paulo, usp, 2014, v. 57 nº 1.
- SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, E. "A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras". Rio de Janeiro: *Boletim do Museu Nacional*, 1979.